

Descida significativa de população devia causar comoção em Coimbra

LUÍS SANTOS

Uma perda significativa da população em Coimbra e no concelho, de quase 10 000 pessoas, é visto pelo professor catedrático José Reis como devendo motivar uma “preocupação séria”, porque se trata de um “caso muito complicado” em termos de economia regional.

Convidado do programa “Praça da República”, transmitido sábado na Rádio Regional do Centro (96.2FM) e realizado no Hotel D. Luís, o economista que já presidiu à Comissão de Coordenação da Região Centro sublinha que a perda de população de Coimbra assemelha-se ao que acontece em concelhos do Interior.

A descida da população em Coimbra, concelho e cidade, verifica-se desde há 20 anos, desde o Censos de 2001 (148 272 pessoas),

prosseguiu em 2011 (143 396 pessoas) e o próximo Censos (2021) irá traduzir ainda mais esta realidade, dado que os dados intermédios do INE (Instituto Nacional de Estatística) referentes a 2018 apontam para 133 724 pessoas.

Desde o Censos de 2011 e os últimos dados disponíveis, Coimbra perde 9 672 pessoas, o que, para José Reis, “deveria provocar uma comoção” nas entidades e instituições locais, tanto mais que em 20 anos a descida populacional é de oito a nove por cento.

“Não se trata apenas de números, mas do que eles representam em relação a um agregado populacional com mais de 100 000 habitantes, que deveria apresentar mais robustez: Esperava-se que as cidades médias se agentassem, o que não está a acontecer, trazendo problemas sérios para o país” - considera.

Assinale-se que, em Coimbra, a estrutura etária da população, que resulta das diferentes evoluções dos movimentos natural e migratório ao longo do tempo, traduz-se num progressivo aumento do número de pessoas idosas e uma diminuição do número de jovens.

Entre 2001 e 2017, Coimbra perdeu 45 por cento dos jovens residentes na faixa etária dos 20 aos 34 anos, o que é considerado “preocupante” numa idade em que os mais novos procuram emprego, acentuando igualmente um maior peso da faixa etária mais idosa.

UC, Economia e vírus

José Reis, que já foi Director da Faculdade de Economia da UC e secretário de Estado do Ensino Superior, abordou,

igualmente os 730 anos da Universidade de Coimbra, assinalando que esta é uma das “mais sólidas” do país e da Europa, não pelo tamanho, mas porque estrutura, e bem, muitas das áreas de saber”.

“Temos muitas instituições de ensino superior e a única política pública das últimas décadas, com consistência no país inteiro, foi a criação de uma rede de politécnicos e universidades. Às vezes há uma moda, com as mais novas a auto-promoverem-se e a fazerem malabarismos, mas não devemos confundimos a árvore com a floresta, que é a Universidade de Coimbra”, referiu.

A nível de doutoramentos a Faculdade de Economia destaca-se no seio da UC, com cerca de 80 por cento da Sociologia, com José Reis a acentuar que esta é uma Escola com várias áreas de saber, tendo



José Reis abordou a perda de população em conversa com Lino Vinhal

par além daqueles cursos a Gestão e as Relações Internacionais. Salienta-se, também, o Centro de Estudos Sociais, que tem investigação e doutoramentos, o qual acolhe muitos estudantes do Brasil.

Os efeitos do novo coronavírus na economia mundial foi outro assunto abordado, com José Reis a considerar que “está a ter consequências económicas significativas”. “Isto faz reflectir sobre o modo como se vive no mundo, com uma mobilidade muito intensa de pessoas e de capitais, com os países a

serem vistos como sítios de passagem”, refere, defendendo que se “deve rever as tendências de globalização”.

Para o professor de Economia, este é um “aviso sério”, que “não se sabe no que vai dar” e “fragiliza a própria economia”. Segundo José Reis, “as economias deixaram de ser concebidas como uma comunidade organizada e auto-suficiente”, dando como exemplo a zona de Águeda, que fabricava tudo para as bicicletas e agora as peças vêm de fora e ali apenas se faz a montagem.